



**LUTO INFANTIL E POSSÍVEIS REPERCUSSÕES NO DESENVOLVIMENTO
VINCULAR**

Lucas Ballardin Colombo

Caxias do Sul, 2021

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
ÁREA DO CONHECIMENTO DE HUMANIDADES
CURSO DE PSICOLOGIA

**LUTO INFANTIL E POSSÍVEIS REPERCUSSÕES NO DESENVOLVIMENTO
VINCULAR**

Trabalho apresentado como requisito parcial para
Conclusão de Curso de Graduação em Psicologia,
sob orientação da Profa. Dra. Tânia Maria Cemin.

Lucas Ballardin Colombo

Caxias do Sul, 2021

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os meus pacientes, por terem compartilhado suas histórias de vida, confiando no meu trabalho e no meu olhar, todas são ouvidas com muito cuidado, respeitando a subjetividade de cada um. Foi através destas histórias que desenvolvi ainda mais minha sensibilidade, minha escuta e minha empatia. Vocês todos tem o meu carinho, meu respeito e minha gratidão.

Agradeço também a Ana Paula Reis, minha terapeuta, por todas as construções e todo suporte ao longo destes lindos anos de terapia. Foi através de ti que escolhi cursar Psicologia, a luz do teu trabalho, fez nascer em mim o amor por esta magnífica profissão. Agradeço também por toda a partilha de conhecimento, és hoje para mim, uma referência.

Agradeço a todos os meus queridos professores, por todos estes anos de muito empenho, dedicação e entrega. Vocês nunca mediram esforços para nos capacitar e isso será, para sempre, motivo de muita gratidão. O meu muitíssimo obrigado à minha querida orientadora Tânia, obrigado de coração por tudo, sou muito grato por este ano de parceria, tenho clareza de meu crescimento ao teu lado. Obrigado também por ter sido colo de minhas maiores angústias. Um beijo e um abraço carinhoso em todos vocês.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos os meus familiares, em especial ao meu pai, minha mãe e minha irmã. Meu pai e minha irmã, agradeço-lhes de todo o meu coração, por todos os esforços abdicados a mim e a minha trajetória, com certeza, sem a ajuda de vocês, tudo se tornaria muito mais difícil. Vocês são meu porto seguro, minha maior fonte de inspiração. Obrigado minha querida mãe, partiste cedo, muito antes do que eu gostaria, mas você foi e é até hoje, minha base segura, minha maior referência. Esta trajetória tem a tua mão, pois aprendi através do teu cuidado, a cuidar do outro. Teu amor e teu carinho seguem presentes na minha essência, no meu cuidado e no meu coração.

Dedico também este trabalho a Ivanete, anjo que Deus colocou em minha vida. Tua dedicação e amor em meus cuidados iniciais foram muito importantes. Agradeço por sempre me encorajar a seguir em frente, batalhando, estudando e concluindo tudo aquilo que sempre sonhei. A minha prima Stefani, que sempre me auxiliou, inclusive ao longo da construção deste trabalho final de curso, contribuindo com a minha evolução enquanto acadêmico e futuro profissional.

SUMÁRIO

	Página
RESUMO	7
INTRODUÇÃO	8
OBJETIVOS	10
Objetivo Geral.....	10
Objetivos Específicos.....	10
REVISÃO DA LITERATURA	11
Teoria do Apego.....	11
Modelos de Apego e Padrão de Cuidados Parentais.....	13
Modelos Operativos Interno de Apego e a Reação frente ao Luto por Morte.....	16
Luto na Infância.....	18
Fatores Protetivos no Processo de Luto.....	23
MÉTODO	27
Delineamento.....	27
Fontes.....	27
Instrumentos.....	28
Procedimentos.....	28
Referencial de Análise.....	29
RESULTADOS	30
DISCUSSÃO	33
Categoria 1 – A Notícia da Perda.....	33
Categoria 2 – Os Cuidados Posteriores à Morte.....	35
Categoria 3 – Construção da Concepção de Irreversibilidade da Morte.....	37
Categoria 4 – Vinculação com a Figura Materna.....	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS	43

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. <i>Categoria 1 – A Notícia da Perda</i>	30
Tabela 2. <i>Categoria 2 – Os Cuidados Posteriores à Morte</i>	31
Tabela 3. <i>Categoria 3 – Construção da Concepção de Irreversibilidade da Morte</i>	32
Tabela 4. <i>Categoria 4 – Vinculação com a Figura Materna</i>	32

RESUMO

O luto infantil por perda materna na vida de uma criança de três a seis anos é uma experiência emocional muito intensa, podendo ser um fator determinante em toda a trajetória de vida deste pequeno ser. Entende-se que o processo de enlutamento é vivenciado de maneira muito subjetiva e que muitos fatores estão implicados neste processo. Um dos principais fatores é o modelo de apego que foi constituído na relação parental com esta criança e também a forma como o processo de luto será vivenciado pelos familiares sobreviventes. Neste presente estudo, busca-se compreender as possíveis repercussões da perda materna no desenvolvimento vincular de uma criança que atravessa a segunda infância, bem como, fatores que a protegem para atravessar este processo de um modo mais organizado e saudável, potencializando a manutenção ou evolução de seu modelo de apego. A base da construção deste estudo foi realizada principalmente a partir da teoria do apego de John Bowlby, com aprofundamentos através de teóricos como Parkes, Aberastury, Ainsworth, entre outros. Faz-se também relações entre teoria do apego e o processo de luto, abordando os fatores protetivos do processo de luto e aqueles que impedem que o seu curso ocorra de modo saudável e organizado. Para tanto, a partir de um estudo qualitativo, com análise de conteúdo de Laville e Dionne, organizou-se as seguintes categorias: Categoria 1 – A Notícia da Perda, Categoria 2 – Os Cuidados Posteriores à Morte, Categoria 3 – Construção da Concepção de Irreversibilidade da Morte, Categoria 4 – Vinculação com a Figura Materna, todas elas extraídas do filme *Ponette*. Na discussão buscou-se aproximar a teoria do referencial teórico com o conteúdo das cenas selecionadas do filme, compreendendo como a jovem Ponette atravessa o processo de luto. Pode-se considerar ainda que, a consistência dos cuidados do adulto ao longo do processo de luto infantil, é um fator protetivo para a manutenção ou evolução do modelo de apego da criança, já constituído.

Palavras-chave: teoria do apego, modelos vinculativos, luto infantil e perda materna

INTRODUÇÃO

A morte de um ente querido é um acontecimento potencialmente difícil de ser encarado, não importando a idade em que se passa por ele. É uma experiência que abre um processo de luto, que naturalmente trará impactos ao longo da vida daqueles que ficam (Mazorra & Tinoco, 2005).

A morte de um dos pais para uma criança é especialmente mais difícil, sendo ela uma experiência prematura, em um momento de vida em que ela depende de seus cuidadores para sobreviver, dependência essa, tanto física, quanto emocional, pois ela ainda não está preparada para seguir a caminhada da vida sozinha (Mazorra & Tinoco, 2005). É uma perda que traz muitos impactos para a vida destes pequenos seres, podendo deixar na criança um sentimento de grande desamparo, fazendo também um corte na ilusão narcísica onipotente da criança, deixando-a a margem de uma profunda ameaça de sobrevivência (Franco & Mazorra, 2007).

Para Torres (em Mazorra & Tinoco, 2005) a perda de um dos pais traz modificações para a concepção de mundo da criança, em que a partir deste momento o mundo poderá nunca mais ser um lugar seguro como antes, deixando marcas importantes, que trarão repercussões para a experiência de vida, principalmente em crianças que estão em via de desenvolver uma compreensão mais ampla acerca desta experiência e de seu processo de luto. Hahn (2005) afirma que ao estudar adultos que, enquanto crianças passaram por um processo de um enlutamento por uma perda parental, notou-se a dificuldade que muitos destes tinham de se vincular a outras pessoas, pois havia ali um notório medo de novas perdas, sendo a morte a quebra do vínculo entre a criança e o ente querido, que é sentida por ela, inicialmente como uma ausência (Hahn, 2005).

A partir do estudo do luto infantil, em relação à perda materna na segunda infância, busca-se compreender fatores que interferem no desenvolvimento vincular e, portanto, no desenvolvimento infantil, bem como, os que podem ser otimizados, potencializados ou preservados com o intuito do cuidado psicológico na manutenção ou na evolução do modelo de apego.

Desde o início da trajetória acadêmica, a teoria do luto cativou mais atenção, isso em função de uma experiência de vida da infância. No início curso, teve-se pouco contato com esta área, mas o breve contato foi impulsionador por novos conhecimentos acerca do luto.

Sendo assim, no segundo semestre do curso, buscou-se um curso de instrumentalização em luto no Instituto Luspe, já conhecido desde 2009 e tendo clareza do quanto tinha-se para aprender com profissionais de tanta luz, trabalhando com a sua verdade. Realizou-se o primeiro curso em 2014 e o aprofundamento do mesmo em 2015, quanto mais se conhecia, mais fascinado e motivado a ampliar o conhecimento se ficava.

O contato desde cedo com a **teoria bowlbyana** e toda a sua magnífica teoria do apego foi encantador, pois ela também relaciona-se com os processos de enlutamento. Foi oportunizado, pelo curso, um conhecimento inicial sobre o processo de luto infantil na cadeira de psicopatologia na infância e adolescência, bem como foi possível estudar sobre a teoria do apego na disciplina de Psicologia e Psicoterapia Sistêmica. Já na cadeira de intervenções clínicas na vida adulta, teve-se o conhecimento de como poder pensar e construir uma intervenção para um processo de enlutamento. Portanto, esse estudo tem como problema de pesquisa: quais as possíveis repercussões da perda materna na segunda infância, em relação ao desenvolvimento dos vínculos desta criança, a partir dos modelos operativos internos de apego?

OBJETIVOS

Objetivo Geral

Identificar possíveis repercussões da perda materna na segunda infância, em relação ao desenvolvimento dos vínculos desta criança, a partir dos modelos operativos internos de apego.

Objetivos Específicos

Abordar sobre a teoria do apego, especificando os seus diferentes modelos de apego.

Apresentar acerca da importância da figura materna na segunda infância em relação ao desenvolvimento da criança, na presente fase.

Descrever sobre o luto infantil, elencando fatores complicadores e facilitadores.

REVISÃO DE LITERATURA

Teoria do Apego

A teoria do apego foi desenvolvida pelo teórico inglês Edward John Mostyn Bowlby, iniciando suas construções em meados de 1940 e 1944, em que começa a observar as consequências de cuidados inadequados por parte dos pais, principalmente pela mãe, durante a vida inicial de seus filhos. Bowlby surpreendeu-se com os efeitos adversos que estes comportamentos inadequados e privações de cuidados maternos tinham em relação ao desenvolvimento da criança e então aprofundou os seus estudos (Dalbem & Dell’Aglia, 2005).

Com o final da segunda guerra mundial, Bowlby foi convidado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) para trabalhar em revisões de pesquisas empíricas sobre os efeitos causados pela privação materna, pois muitas crianças na época da guerra foram separadas de um ou de ambos os pais. Os achados de Bowlby apontavam, sem deixar dúvidas, que eram grandes as consequências e os danos que uma criança sofria pela privação da figura materna. Este estudo resultou na publicação do livro *Cuidados Maternos e Saúde Mental* (Parkes, 2009).

Apego é descrito por Bowlby (1989) como sendo um mecanismo básico da natureza humana, que se dá desde a vida inicial do bebê, estendido para outras fases, até a sepultura. Durante a primeira infância, a criança busca laços afetivos com os pais ou pais substitutos para se sentir mais protegida ou segura, além de ser um lugar de conforto para este bebê (Bowlby, 1989). A única forma de comunicação entre o bebê e a mãe, em sua vida inicial, é a expressão emocional que, mesmo posteriormente existindo a fala, esta comunicação instintiva continua pelo resto da vida, sendo um traço principal das relações íntimas. À medida que as figuras de apego atendem as necessidades de seu bebê, de forma consistente e contínua, se constrói, a partir disso, um vínculo afetivo, que é também sustentado pela capacidade cognitiva e emocional do filho (Bowlby, 1989).

Aprofundando seus estudos, o autor define um conceito chamado comportamento de apego, no qual ele afirma ser também um componente básico, em que, a pessoa que busca a proximidade, a faz por sentir-se mais fraco do que em relação a sua figura de apego, sendo assim, entende que, nesta busca, encontrará uma forma de resposta rápida frente a sua necessidade de amparo (Bowlby, 1989).

O comportamento de apego tem como principal objetivo a manutenção da proximidade com a figura de apego, mas isso requer que a criança consiga desenvolver uma capacidade de cognição, mantendo sua mãe, bem como suas estratégias de enfrentamento para a vida, aprendidas com ela, na memória quando ela não se faz presente. Bowlby (1989) conta que esta capacidade é desenvolvida por volta da segunda metade do primeiro ano de vida do bebê.

Um traço importante para avaliar a qualidade vincular, neste caso entre o bebê e a figura de apego, é a intensidade da emoção que o acompanha. Este é um traço muito importante do comportamento de apego. Se a qualidade vincular é boa, o bebê sente-se seguro e satisfeito. Já, se a qualidade vincular constrói-se sob ameaças, haverá ciúmes, ansiedade e raiva e, em caso de ruptura, poderá haver dor e depressão (Bowlby, 1989). O que remete a pensar que, em cada modelo de apego há um desenvolvimento diferente de estratégias de enfrentamento (Parkes, 2009). O autor descreve que a exploração do meio ambiente é também um elemento fundamental do comportamento de apego (Parkes, 2009).

Segundo Parkes (2009), a criança saudável explora o ambiente de maneira livre e segura. Isto porque sabe que seus pais estarão prontos e disponíveis para lhe atender se necessário, deixando-a livre para explorar o ambiente, afastando-se com segurança. Este modelo de funcionamento constitui o que o autor (Parkes, 2009) compreende como uma criança de vinculação saudável. Este comportamento não se restringe apenas à infância, estende-se também a outras idades. Este modelo de interação entre a criança e os pais é conhecido como a exploração e o bom funcionamento relacional que o autor define como base segura (Parkes, 2009).

O termo base segura é primeiramente descrito por Mary Ainsworth e será mais bem detalhado ao longo deste trabalho de conclusão de curso. Este modelo pressupõe que a criança em seu ato exploratório, ao sentir-se insegura pelos estímulos trazidos pelo ambiente ou alarmada ou ainda cansada, buscará as suas figuras de apego, que responderão bem à proximidade, acolhendo o que a criança necessitar, oferecendo-lhe segurança (Bowlby, 1989).

A partir do registro constitutivo da base segura, a criança apreende que pode distanciar-se por mais tempo de seus pais ou cuidadores, por ter uma confiança maior de que quando necessário acessá-los, poderá alcançá-los. Este distanciamento do contato no tempo que é correspondente à confiança introjetada, é uma experiência que se generaliza, permitindo a exploração e o aprendizado no mundo e ao longo da vida (Bowlby, 1989). Parkes (2009)

complementa, ainda, que este cuidado parental é fundamental, pois ele auxiliará a criança a acreditar que poderá confiar em si e no outro também, tornando-a mais segura.

Há evidências muito significativas de que o apego que a criança constrói durante a primeira infância, segunda infância e adolescência, tem relação direta na forma com que os pais se relacionavam com elas. Estas evidências foram encontradas a partir de muitos estudos feitos por teóricos influenciados por Bowlby, como é o caso de Mary Ainsworth, pioneira na construção dos modelos de apego (Bowlby, 1989).

Ainsworth, após ter feito um breve estágio no Tavistock em Londres com Bowlby, aplicou as teorias do autor relacionadas à interação mãe-bebê e desenvolveu um teste chamado Teste da Situação Estranha, no qual avalia a interação mãe-criança, sendo a criança em seu segundo ano de vida. A autora observa esta interação entre a mãe e seu filho através de um espelho unidirecional antes da separação acontecer, durante o período de separação e no retorno da mãe depois de um curto espaço de tempo (Parkes, 2009).

Após seus estudos, Ainsworth (em Parkes 2009) descreve dois padrões de apego, são eles: padrão de apego seguro e padrão de apego inseguro, que podiam ser percebidos frente à reação da criança no momento da separação da mãe. No apego inseguro, dois tipos foram distintos, apego inseguro ansioso/ambivalente e apego inseguro evitador (Parkes, 2009).

Um quarto tipo de apego foi estudado a partir de Main e Goldwyn (em Parkes, 2009), chamado de desorganizado/desorientado, sendo incluído no conjunto de apegos inseguros. Complementando o trabalho feito por Ainsworth e Main, George e Solomon estudaram e desenvolveram os padrões de cuidados parentais que estão associados a cada tipo de padrão de apego (Parkes, 2009).

Modelos de Apego e Padrão de Cuidados Parentais

A partir das observações feitas no Teste da Situação Estranha (TSE), crianças com um padrão de Apego Seguro tinham pais calorosos e sensíveis frente à necessidade de cuidados com o seu filho, dando-lhe segurança e estabilidade para que a criança pudesse explorar o ambiente de maneira livre e segura (Parkes, 2009). Como consequência desta base segura, no momento da separação da mãe, a criança reagia de forma a tolerar a separação sem que sofresse muito, pois confiava no seu retorno. Após o retorno, de acordo com Simpson e Rholes (em Parkes, 2009), a criança era confortada pela mãe e já manifestava afeto por sua figura materna.

Bowlby (1989) acrescenta que este modelo é promovido logo no início da vida do bebê, principalmente pela mãe, estando ela disponível frente a qualquer necessidade de seu filho, no momento de procura por cuidado, segurança e proteção. Respondendo a essa necessidade de maneira afetiva, calorosa e amável. Por fim, Pastor (em Parkes, 2009) constatou que crianças caracterizadas com uma modelagem de apego seguro no TSE, ao serem reavaliadas seis meses depois da aplicação do teste, foram consideradas como sendo mais sociáveis em suas relações.

Conforme Parkes (2009), crianças que eram caracterizadas com modelagem de apego inseguro ambivalente possuíam mães ansiosas e insensíveis frente à necessidade do filho e, como consequência, no momento da separação, as crianças apresentavam muito sofrimento. Já no seu retorno, o sofrimento da criança frente ao evento separatório permanecia por mais tempo e ela era vista agarrando-se à mãe e protestando raivosamente (Parkes, 2009).

Bowlby (1989) explica que esta ansiedade por parte da criança acontece em função de estes pais estarem disponíveis ao filho apenas em alguns momentos, deixando-a a margem da insegurança, pois não tem certeza se estes pais estarão realmente disponíveis quando ela precisar, podendo gerar ansiedade de separação por esta ambivalência sentida, fazendo com que queiram ficar grudados. Segundo o autor, este conflito prejudica a exploração de mundo, pois ela pode sentir que ao fazê-la poderá ser abandonada (Bowlby, 1989). Após a reavaliação de seis meses depois, crianças caracterizadas com apego inseguro ansioso/ambivalente, ao brincar com outras crianças, eram vistas procurando suas mães com o olhar, além de permanecerem mais próximas, descreve Pastor (em Parkes, 2009).

Pais de crianças com um padrão de apego inseguro evitador foram caracterizados como não expressando sentimentos para os filhos, além de também não tolerarem a proximidade dos mesmos (Parkes, 2009). Sendo assim, a criança cresce buscando a sua independência, pois tem certeza de que, se necessitar de cuidados, não receberá destes pais, buscando serem autossuficientes emocionalmente. Além de terem a garantia de que não receberão o cuidado do qual necessitam, esperam ser rejeitados neste ato de busca (Bowlby, 1989).

No TSE, no momento do retorno da separação, as crianças eram vistas não dando importância para a mãe, aparentemente despreocupadas com o retorno (Parkes, 2009). Porém, Stroufe e Waters (em Parkes, 2009), explicam que após investigações realizadas posteriormente, esta indiferença acontece apenas aparentemente, pois no momento da separação as crianças apresentam respostas fisiológicas alteradas, como aumento da

frequência cardíaca. Bowlby (1989) complementa que neste ato aparente de indiferença por parte da criança, há um conflito escondido, que se revela desta forma em função de a criança ter muitos registros de rejeição, principalmente por parte da figura materna, nos momentos em que buscava conforto e proteção. Na reavaliação de seis meses, estas crianças quando estavam interagindo, eram vistas olhando mais para os objetos, tendo uma aparente interação empobrecida, segundo Pastor (em Parkes, 2009).

Crianças com o modelo de apego desorganizado/desorientado tendem a ter reações mais severas frente à separação, reações desorganizadas, segundo Parkes (2009). No ato da separação comumente reagem com choro, porém no retorno da mãe, a evitam. Podem também serem vistas jogando-se no chão e com frequência se batendo. Além disso, após o teste do TSE, foi coletada a saliva destas crianças e foi identificado alto índice de cortisol, hormônio do estresse, permanecendo elevado algum tempo depois do teste (Parkes, 2009). Main e Hesse (em Parkes, 2009), descobriram que

[...] a maioria das mães dessas crianças haviam sofrido perdas significativas ou outro tipo de trauma imediatamente antes ou após o nascimento do bebê e reagiu com uma severa depressão. Mais de 56% das mães que haviam perdido um dos pais por morte antes de completar a escola secundária tiveram filhos que apresentaram apego desorganizado. (p. 25)

Estes modelos descritos se estabelecem, de acordo com Pastor (em Parkes, 2009), por volta dos dois primeiros anos de vida da criança e a partir do momento em que estão estabelecidos, permanecem estáveis, indicando a qualidade dos relacionamentos e vinculações que serão feitas com outros ao longo da infância. Esta ideia é corroborada também na pesquisa de Dalbem e Dell’Aglío (2005) que citam que, esta imagem dos cuidadores que é construída, significa a base para todos os outros relacionamentos íntimos futuros, pois há uma tendência de recriar o modelo vivenciado com as figuras de apego iniciais. Bowlby (1989) relata que isso acontece em função de que quanto mais a criança cresce, mais esse modelo de apego vai se tornando uma propriedade dela, ou seja, a criança introjeta essa forma de vincular-se baseado no que aprendeu e, então, por isso, impõe o que lhe foi ensinado, aos seus outros vínculos.

Um estudo de Main (em Dalbem & Dell’Aglío, 2005), complementa e traz luz a todas as ideias da teoria, que prediz que a qualidade vincular estabelecida na infância, mantém-se firmemente estável na vida adulta também. Ela desenvolveu um estudo chamado *Adult*

Attachment Interview (AII), que avalia a qualidade do estado mental dos adultos ao longo do relato em relação à história vivida na infância, às relações com os pais, além de também analisar as lembranças sobre possíveis perdas que aconteceram. Constataram que o adulto com modelo de apego seguro possui lembranças afetivas de seus genitores, relatando a infância como uma fase muito boa de sua vida. Já pessoas caracterizadas com modelos de apego inseguros, tendem a ter lembranças de uma infância conflitiva, de incertezas e, por vezes, não possuem nenhuma lembrança.

Bowlby (1989) explica que, a suposição de que este modelo tende a permanecer estável se dá pelo fato de que é previsto que, uma vez que as crianças foram caracterizadas com tal modelo de apego, a probabilidade é que continue, pois é muito provável que as suas figuras de apego tendam a tratar a criança da mesma forma por longo período. Não se pode deixar de lado a possibilidade de alguma mudança dentro da estrutura familiar vir a acontecer e isso poderá tornar-se um fator determinante na forma que uma das figuras importantes de apego comece a tratar a criança dentro de seus dois a três anos, de maneira diferente. Se isso vier a acontecer, existe a possibilidade do modelo de apego ser mobilizado.

Assim sendo, qualquer experiência intensa vivenciada, seja ela uma morte, um amor, uma separação ou o processo terapêutico, podem tornar-se experiências emocionais corretivas dos modelos de vinculação. Quando isso é mencionado pode ser tanto no sentido de o modelo vincular mudar de seguro para inseguro, quanto o contrário, ou seja, a perda de uma figura importante, para a criança, como neste caso a mãe, pode alterar o seu modelo operativo interno de apego e poderá implicar diretamente na maneira que ela se relacionará com o mundo e com o outro (Bowlby, 1989).

Modelos Operativos Internos de Apego e a Reação frente ao Luto por Morte

Através da teoria bowlbyana, brevemente descrita neste trabalho de conclusão de curso, identifica-se que, dentro de um modelo de apego seguro, a criança tem confiança que se necessitar de auxílios das suas figuras de apego, receberá, otimizando os recursos que são disponibilizados e encontrados através das circunstâncias e do outro. A base segura na criança constrói fatores resilientes internos, que a auxilia a passar pelo luto de forma mais segura e mais saudável, pois tem segurança para externalizar a sua dor e sofrimento (Bowlby, 1989). Um estudo desenvolvido para avaliar a qualidade da confiança em si e confiança em outras

peessoas constatou que, indivíduos com esta modelagem de apego, apresentaram ter confiança em si e confiança no outro também (Parkes, 2009).

Crianças caracterizadas com o modelo de apego ansioso/ambivalente comumente têm pais que desencorajam a busca da criança por autonomia, tendo comportamentos superprotetores, mas que normalmente não atendem a necessidade afetiva dos filhos (Parkes, 2009). Como a criança é desencorajada, o seu registro interno acerca do mundo é o de um lugar perigoso para se viver sozinho, sentindo-se segura apenas quando está ao lado de suas figuras de apego (Parkes, 2009).

Quando estudado sobre a confiança em si e no outro, pessoas caracterizadas com Apego Ansioso/Ambivalente foram descritas como sendo pessoas que não confiam em si, mas que confiam no outro, estabelecendo vínculos de dependência emocional e afetiva (Parkes, 2009). Com isso, quando a morte de uma figura de apego acontece, o seu processo de enlutamento tende a vir acompanhado de alto grau de pesar e solidão, além de se tornar muito dependente afetivamente de outras pessoas. Em geral, são pessoas que tendem a ter um luto prolongado (Parkes, 2009).

Quanto ao modelo de apego evitador, em função de estas crianças terem pais que não apresentam afeto emocional e não toleram proximidade dos filhos, é muito provável que elas introjetem uma ideia de que é mais seguro manter a distância afetiva de outras pessoas, havendo inibição emocional de sua parte para com o outro. No estudo acerca do processo de construção de confiança em si e no outro, os achados indicam que pessoas com este modelo de apego confiam em si, mas não confiam no outro, o que faz com que internamente vivam um processo de inibição emocional e de afeto (Parkes, 2009).

Quando vivenciado um processo de enlutamento, a criança tende a não manifestar os seus sentimentos de pesar, inibindo-os, fazendo com que vivam um processo de luto prolongado (Parkes, 2009). Além do mais, é comum que estas pessoas pouco chorem, por acreditarem que é mais seguro não manifestar sentimentos, relutando em buscar ajuda quando precisam.

Crianças caracterizadas a partir do modelo de apego desorganizado normalmente têm pais que sofreram algum tipo de trauma em suas vidas, que interferiu no seu modo de viver e relacionar-se. Além disso, segundo Parkes (2009), os pais tendem ou a ser frios, ou a adotar comportamentos de cuidados obsessivos com a criança, deixando-a a margem da impotência, o que pode acarretar em depressão, ansiedade e tendências ao pânico. No estudo da confiança

em si e no outro, as pessoas com modelo de apego desorganizado, apresentaram não ter confiança nem em si e nem no outro (Parkes, 2009).

Quando uma pessoa caracterizada com este modelo de apego desorganizado passa por uma experiência que gera luto, tende a manifestar o sofrimento com severa depressão, ansiedade e pânico (Parkes, 2009). Ademais, é provável que não busquem auxílios de familiares quando estão com alguma crise, optando pela ajuda de psiquiatras ou seus clínicos gerais, para intervenção com processos medicamentosos. Há achados significativos que mostram que existe uma considerável probabilidade de em momentos difíceis, o indivíduo voltar-se para si, com risco de infringir-se algum dano (Parkes, 2009).

Com base no que foi apresentado, Worden (em Ramos, 2016) cita que em uma experiência de luto há de se considerar que existem diversos fatores que podem se tornar complicadores do processo de enlutamento, mas não se pode deixar de considerar que após pesquisas feitas por Parkes (2009), notou-se que a base segura é um fator protetivo para o sofrimento emocional e quanto mais inseguro for o modelo de apego, maior a probabilidade de o enlutado viver um processo de luto complicado, o que nos leva a pensar que a base segura é um fator protetivo para o sofrimento emocional.

Luto na Infância

Para Parkes (1998), luto é uma reação normativa frente a uma perda significativa e Bowlby (1997) enfatiza que o enlutado poderá sentir-se desamparado e aflito, sendo este um acontecimento potencialmente disruptivo. A perda faz parte do ciclo vital e muito provavelmente grande parte das pessoas, mais cedo ou mais tarde, passarão por esta experiência, desencadeando dentro de cada indivíduo, um processo de enlutamento, que será sentido e enfrentado de modos diferentes (Parkes, 1998). Bowlby (em Ramos, 2016), complementa dizendo que o processo de luto representa a frustração de uma necessidade básica de vinculação, na qual a perda vai além da perda física, deixando um vazio no viver do enlutado. Por fim, Parkes (2009) complementa “[...] o luto é o preço que se paga pelo amor.” (p. 74)

A morte de um genitor leva um mundo conhecido, um mundo no qual a criança já se sentia segura, deixando inseguranças e incertezas a partir do adeus do mundo presumido. Ficam árduas tarefas pela frente, de enfrentar um processo de reorganização, reestruturação e elaboração de uma perda irreversível, sentimentos estes atravessados no processo de

enlutamento (Mazorra, 2005). É esperado que a criança vivencie quatro fases no processo de enlutamento descritas por Bowlby (em Anton & Favero, 2011), são elas: entorpecimento, anseio, desorganização e reorganização.

A primeira fase do processo de enlutamento pode durar de horas até semanas e se inicia no momento da notícia, sendo comum que, segundo Bowlby (em Anton & Favero, 2011) por fazer uso de defesa psíquica, inicialmente o enlutado negue a perda, fique aflito e até se desespere. A segunda fase, fase do anseio, é marcada pelo desejo de recuperar a pessoa perdida, sendo comum que a criança anseie pelo seu retorno e aparição, podendo por vezes ser observada procurando sua figura de apego, assim como relata Bowlby (em Anton & Favero, 2011).

A fase de desorganização, para Bowlby (em Anton & Favero, 2011) é marcada pelo choro frequente, tristezas profundas, raiva, acusação a outrem que possa de alguma forma ser responsável por esta morte. Além disso, é comumente nesta fase que o enlutado manifeste sentimentos mais depressivos. A quarta e última fase é marcada pela aceitação da perda, a reorganização. Porém, de acordo com Bowlby (em Anton & Favero, 2011), ela só poderá ocorrer quando o enlutado puder se permitir passar pelas fases anteriores, enfrentando, assim, o seu processo de luto, abrindo-se novamente para reinvestir na vida.

É normativo que, após a perda as crianças sintam: medo de serem abandonadas novamente, ansiedade frente à solidão, saudade da figura perdida, raiva intensa por não conseguir reencontrar o ente perdido, choro e “súplicas lastimosas por compaixão e apoio” (Bowlby, 1997, p. 131). É importante entender que para que o processo de luto progrida, estes sentimentos possam ser manifestados pela criança, em um ambiente acolhedor (Bowlby, 1997).

Quando abordado sobre como e quando crianças começam a compreender a morte, alguns autores (Mazorra & Tinoco, 2005), seguindo uma visão piagetiana, entendem isso como um fator subjetivo para ser analisado, porque está diretamente relacionado com o desenvolvimento cognitivo de cada uma delas, não conseguindo afirmar com precisão uma idade. No entanto, acredita-se que, por volta dos seis anos, a criança comece a ter uma compreensão sobre a irreversibilidade da morte, como afirmam Bromberg e Torres (em Mazorra & Tinoco, 2005). Além disso, a perda de um genitor para a criança é vivida de maneira distinta do processo do adulto, suas reações emocionais e comportamentais são diferentes (Pedro, Catarino, Ventura, Ferreira & Salsinha, 2010).

Aos seis anos de idade, conforme contribuições de Kübler-Ross (em Pedro et al., 2010), a compreensão e o pensamento da criança ainda opera de modo concreto, o que faz com que tenda a personificar a morte, entendendo-a como sendo causada por alguém ou por si mesma. Além disso, ela pode compreender que a morte acontece como uma consequência punitiva em decorrência de um comportamento mau que se tenha tido (Kübler-Ross em Pedro et al., 2010). Antes desta idade, de acordo com Gauders (em Anton & Favero, 2011) estudos comprovam que a criança ainda acredita na reversibilidade da morte, similar ao sono, em que a pessoa volta a acordar. Nesse caso, a comunicação com a criança precisa ser muito clara, em que o adulto traga exemplos palpáveis para ela, que através de seus recursos, fará a compreensão.

Crianças que vivenciam uma experiência de perda de um ente querido na infância, passam a ter uma compreensão precocemente sobre a irreversibilidade (Mazorra & Tinoco, 2005). Podem, a partir desta experiência, se dar conta antes do tempo sobre a possibilidade da própria morte (Mazzora & Tinoco, 2005). Perder um ente que se ama é muito difícil para o adulto, porém mais difícil ainda para a criança, que possui total dependência física, afetiva e emocional de seus cuidadores (Bowlby, 1997). Uma experiência que pode colocar a sua segurança e sobrevivência emocional em risco (Franco & Mazorra, 2007).

O modo como a criança enfrentará esta experiência envolve diversos fatores. Há fatores internos, como a elaboração da posição depressiva, descrita por Melanie Klein (Franco & Mazorra, 2007). Além disso, a infância é uma fase que envolve grandes adaptações e transformações, o que faz com que a criança necessite criar seus próprios recursos de *coping* para passar por estas modificações. O modo como estes recursos foram construídos, interferem diretamente em como o processo de enlutamento acontecerá (Marçal, 2015).

Fatores externos também influenciam, são eles: a relação que a criança enlutada tinha com o ente que partiu; a qualidade vincular com o genitor que permanece; as circunstâncias em que a perda ocorreu; como a notícia chegou até a criança e também quais foram às informações que a criança teve acesso; a dinâmica familiar antes e depois da perda, entre outras (Franco & Mazorra, 2007). Além disso, o modo como o outro genitor permaneceu, no caso do filme analisado o pai, e como a família como um todo está lidando com esta perda, interferirá na forma como a criança irá elaborá-lo também (Bowlby em Franco & Mazorra, 2007).

Bowlby (1997) afirma que, para que a criança consiga recuperar-se da perda, é de fundamental importância que ela tenha a assistência de outra figura de apego de sua total confiança. “Só em tais circunstâncias podemos esperar que uma criança venha, em última instância, a aceitar a perda como sendo irremediável e a reorganizar então sua vida interior de acordo com isso” (Bowlby, 1997, p. 127).

Em um trabalho de pesquisa (Franco & Mazorra, 2007) com crianças de três a oito anos, que perderam um ou ambos os genitores, apontaram que o sentimento de desamparo foi o mais evidenciado durante o trabalho, ao qual elas inclusive sentiam ameaça em sua sobrevivência após esta dura perda, por atravessar uma fase de dependência. Além do mais, como já citado acima, se o genitor sobrevivente comover-se muito com a perda, a ponto de não conseguir ser para a criança um porto para que se atraque, ela poderá experimentar um segundo desamparo (Franco & Mazorra, 2007).

Ademais, a compreensão de como eram os padrões de relacionamento existente na família e como eles ficaram após a morte, precisam ser considerados também (Bowlby, 1997). O que se conclui é que, em um processo de luto infantil, o entendimento da reação da família é fundamental, não podendo a criança ser compreendida de maneira isolada (Mazorra & Tinoco, 2005).

Além disso, Mazorra (2005) descreve, a partir de sua experiência clínica, como a perda desse vínculo provedor de cuidados, segurança e investimento, se inscreve no mundo de fantasias da criança e entende como fator fundamental de ser analisado ao longo do processo terapêutico. Segundo a autora, existem diferentes maneiras de analisá-las, como: na relação transferencial paciente-terapeuta, nas atividades lúdicas, na forma de vincular-se com o outro, entre outras. Franco e Mazorra (2007) complementam ainda que o sentimento de desamparo parece ser o mais mobilizador de fantasias. Mazorra (2005) cita que “[...] a fantasia é a representação de desejos, disfarçados em maior ou menor grau por processos defensivos; caracteriza a satisfação de um desejo insatisfeito, correção de uma realidade não satisfatória.” (p. 36) O que a faz afirmar que elas são acompanhadas de sentimentos, sintomas e reações e, a partir disso, consegue-se captar muito da dinâmica do luto, avaliando como a criança está passando por esta realidade.

Para Mazorra (2005), algumas das fantasias são: a fantasia de aniquilamento, que pode ser manifestada como o medo de perder outra pessoa, o medo de vir a morrer, sentir não poder aguentar o sofrimento; a fantasia de onipotência, que pode aparecer como a criança enlutada

tentando assumir um papel de cuidador do responsável sobrevivente, se preocupando, por exemplo, com a saúde dele, ou também quando a criança busca demonstrar ser muito forte e pouco sentir a perda; a fantasia de culpa, a criança enlutada poderá se sentir culpada pela morte do seu ente querido; a fantasia de castração, a qual a criança sente que não poderá mais se desenvolver, ou não ser mais alguém de valor; as fantasias regressivas, a qual ela poderá voltar a ter comportamentos de bebê; e as fantasias reparatórias, em que a criança pode entrar em contato com a dor, buscando recuperar o objeto perdido internamente em sua mente.

Como estas fantasias são criadas pela criança, dependem de elementos que estão relacionados ao seu desenvolvimento psicosssexual, cognitivo e também o modo de funcionamento do ego. Ademais, os fatores externos já mencionados acima neste trabalho, podem influenciar também a produção fantasmática (Franco & Mazorra, 2007).

Ampliando como se dá o processo de enlutamento, Bowlby (2004) traz à luz algumas condições que podem afetar o curso do luto, como: a identidade e o papel da pessoa perdida; as causas e circunstâncias da perda e circunstâncias sociais e psicológicas que afetam o enlutado. Na primeira condição, o autor afirma que, quanto maior foi a dependência do enlutado perante o ente querido, maior a probabilidade de haver um processo de luto complicado. Esse tipo de relação acontece em decorrência de modelos operativos internos de apego deformados, que constroem relações neste formato (Bowlby, 2004).

Bowlby (2004) afirma que as causas e condições em que a morte ocorreu, afetam o curso do processo de luto. Os achados neste sentido citam que, além das mortes repentinas afetarem o processo de enlutamento, mortes em decorrência de longos tratamentos de enfermidades tendem a trazer angústias muito fortes para a família (Bowlby, 2004). Esta angústia sentida tende a acentuar a culpa e o sentimento de inadequação, podendo potencializar assim, a ambivalência presente. Parkes (2009) considera que mortes violentas, traumáticas e repentinas, tendem a dificultar este processo, podendo gerar maior sofrimento psicológico, pois chegam sem avisos e deixam um terreno de inseguranças.

Segundo Aberastury (1992), geralmente, este tipo de morte tende a abalar mais o núcleo familiar e principalmente o genitor sobrevivente, que poderá encontrar dificuldade para lidar com a sua dor e, por consequência, com a dor da criança, sendo difícil inclusive de comunicar ela sobre o fato em si. As circunstâncias sociais e psicológicas que influenciam na vivência do processo de luto são: condições residenciais, quando os enlutados moram com mais alguém, havendo este suporte externo ao núcleo; condições e oportunidades

socioeconômicas, quando há boas condições socioeconômicas, podendo facilitar o processo de enlutamento da família, que, por consequência, refletirá no bom desenvolvimento do processo de enlutamento da criança; por último, as crenças e práticas que facilitam o luto serão detalhadas abaixo (Bowlby, 2004).

Para este último tópico, Gorer e Ablon (em Bowlby, 2004) desenvolveram estudos acerca dos modelos de enfrentamento vistos em diferentes culturas e os achados foram distintos. Havia povos que tinham estratégias de enfrentamento que asseguravam um enlutamento mais saudável e outros que promoviam lutos complicados, ou seja, as crenças introjetadas nas famílias em relação à perda facilitam ou dificultam o processo de luto de todos (Bowlby, 2004). Como a criança irá atravessar a perda, se relaciona em como ela vivenciou outras experiências parecidas, tanto reais, quanto simbólicas. Para mais, como a família lidou com estas experiências da criança precisa ser averiguado, pois isso influencia no enfrentamento das futuras perdas. Tudo isso remete a pensar que, a cultura familiar em relação à perda, dá indicativos de como o luto será enfrentado, pontua Franco (em Anton & Favero, 2011).

Outra condição que interfere no processo de luto é a vivência da fase edípica. Uma vez que, dependendo de qual momento a criança está atravessando, a morte do genitor do mesmo sexo poderá ser um fator complicador, pois ela poderá sentir que seus desejos destrutivos em relação a esta figura realmente têm poder, que o seu desejo inconsciente se tornou realidade e então poderá considerar-se uma pessoa má. Esta fase é vivenciada aproximadamente aos quatro anos de idade (Aberastury, 1992). Além disso, crianças que presenciaram muitos conflitos matrimoniais dos pais, com descontinuidade de relações e disfuncionalidade familiar, tende a ter mais dificuldade no processo elaborativo. Ainda, para Knijnik e Zavaschi (em Anton & Favero, 2011), a vivência de longas separações também é considerado um fator complicador para o luto.

Fatores Protetivos no Processo de Luto

A morte é uma experiência que inevitavelmente trará dor e sofrimento a qualquer pessoa, porém existem fatores que auxiliam a criança a enfrentar esta experiência de modo mais saudável (Bowlby, 2004). De início, entende-se que é importante para o processo de luto da criança, que ela vivencie o ritual de despedida do ente querido, podendo acontecer ainda no hospital, se for o caso de uma morte preparatória, ou no ritual fúnebre se este processo anterior

não tiver sido possível. A criança precisa ser acompanhada por alguém de sua confiança o tempo todo, podendo ser o genitor sobrevivente ou qualquer outra figura de apego que confie. Isso desde o ritual fúnebre até ao longo de todo o seu processo de desenvolvimento, pois a garantia da continuidade destas relações auxiliará a criança a enfrentar a dor da perda de modo mais seguro (Bowlby, 2004).

Contrário do que comumente é praticado pelos responsáveis sobreviventes, a comunicação com a criança a respeito da morte do genitor precisa ser aberta. Ela precisa ter acesso a um campo comunicacional seguro, confiável e transparente (Aberastury, 1992). Isso permite que a criança possa expressar o seu sentimento e emoção (Bowlby, 1997). Além disso, é importante inserir a criança nas notícias do estado de saúde de sua figura de apego, pois muitas vezes as mortes não acontecem repentinamente, havendo a possibilidade de previsibilidade, o que poderá auxiliar a criança na preparação para a perda (Parkes, 1998).

O adulto, por vezes, pode ter dificuldade de lidar com o fato em si, omitindo informações, com o discurso de que o faz para protegê-la, quando na verdade deixa a criança à margem de desesperança, sentindo que não tem mais a quem recorrer (Aberastury, 1992). É de fundamental importância que informações claras sejam fornecidas para ela, abrindo-se espaço para perguntas, pois é comum que ela tenha dúvidas acerca do que está acontecendo (Franco & Mazorra, 2007). Conforme a criança vai recebendo informações por parte dos adultos, tirando suas dúvidas, ela vai construindo a partir de si, através do que o outro lhe fornece, o seu próprio conceito em relação à morte (Sengik & Ramos, 2013).

No ato da omissão da morte, a criança sente que algo errado está acontecendo, percebe através dos cochichos, do clima de tristeza do ambiente, que há um segredo que não lhe é revelado (Sengik & Ramos, 2013). Esta atitude pode perturbar o momento inicial da elaboração do luto da criança e contar que o ente está dormindo, foi viajar, ou expressões que criem esperanças de um retorno, deixará a criança confusa e frustrada, podendo interferir também, severamente, no seu processo de enlutamento (Aberastury, 1992). Em um fragmento de um caso clínico relatado por Aberastury (1992), um menino de três anos e três meses teve uma perda repentina de um de seus pais e o genitor sobrevivente contou a ele que o ente querido foi para o céu. Ao longo das sessões, por meio de uma brincadeira, o menino escalou os móveis, chegando o mais alto possível e quando questionado sobre qual era o motivo de subir tão alto, ele disse que queria chegar até o céu, desta forma poderia encontrar com o pai (Aberastury, 1992).

É importante para a criança, que a família abra espaço para viver o processo de enlutamento. Muitas vezes, o adulto tem dificuldade de lidar com esta experiência dentro de si e por consequência apresenta dificuldades de lidar com a dor da criança, não tocando no assunto e até evitando-o. Ao fazer isso, a criança pode acabar vivendo um processo de luto inibido, revisitando-o comumente em uma fase posterior (Hahn, 2005). A dinâmica familiar anterior não existe mais, sendo necessário que haja um processo de reorganização e reestruturação, bem como incluir a criança neste processo de luto, faz com que elas se sintam parte do compartilhar da experiência familiar (Franco & Mazorra, 2007).

Acolher e enxergar a dor a partir da ótica da criança enlutada, por mais desorganizada ou irreal que pareça ser, é um fator facilitador, pois permite que ela consiga com os seus recursos disponíveis até o momento, no seu tempo, ir organizando tudo aquilo que ficou bagunçado a partir da perda. Colocar-se em uma posição de alguém que seja o representante da realidade neste momento, apenas fará com que o adulto se afaste emocionalmente dela. É importante oferecer todo o apoio necessário e estar junto, permitindo-a que expresse as mais improváveis possibilidades para recuperar a pessoa perdida (Bowlby, 1997).

Manter a presença da pessoa perdida dentro de si, mesmo depois da sua ausência, é o que lhe garante a passagem pelo processo de enlutamento. Por isso é importante que as lembranças acerca do ente querido sejam sempre mantidas, com ajuda dos genitores sobreviventes, permitindo assim que a criança vá introjetando esta imagem e presença. É a passagem por este processo que faz com que ela esteja aberta para novas relações, como aponta Kovács (em Sergik & Ramos, 2013).

Por fim e de muita importância, quanto melhor a qualidade da relação entre o ente que partiu e a criança enlutada, mais facilitará o processo de luto, pois os registros desta relação são saudáveis e de confiança. Precisa ser considerado também, os dias que antecederam a perda e como esta relação estava acontecendo, pois uma briga ou discussão dias ou horas antes da morte, pode acarretar em um sentimento de culpa no enlutado, vindo a interferir potencialmente na experiência de luto (Bowlby, 2004).

Os fatores protetivos abordados acima auxiliam a criança a passar por esta experiência de modo mais saudável e seguro, contribuindo para o enfrentamento da dor da perda. Quanto mais estes fatores forem otimizados, mais organizada a experiência de luto será vivenciada, favorecendo, assim, o processo do seu desenvolvimento, o que contribuirá, também, para a manutenção de um modelo operativo interno de apego mais saudável ao longo da vida

(Bowlby, 1997). Além do mais, os achados de pesquisas mostram que mesmo criança de até quatro anos de idade, em condições favoráveis ao luto, conseguem passar por esta experiência de modo similar ao luto sadio do adulto, guardando em sua mente uma boa imagem e um bom sentimento interno da figura de apego de partiu, estando livre para aproveitar da melhor maneira as novas interações com o mundo externo (Bowlby, 2004).

MÉTODO

Delineamento

Com o objetivo de expandir a compreensão dos fenômenos que envolvem um processo de enlutamento, uma pesquisa qualitativa, exploratória e interpretativa foi realizada. Gil (2008) defende a ideia de que uma análise qualitativa se ancora a partir da capacidade e estilo do pesquisador, na qual este tipo de pesquisa possibilita estudar e explorar os fenômenos que envolvem as relações sociais e individuais a partir de diferentes contextos (Godoy, 2005).

Importante salientar que existem três princípios em uma pesquisa qualitativa, segundo Gil (2008), o primeiro é o processo de redução de dados, que significa realizar uma seleção inicial dos dados que serão trabalhados para que posteriormente os mesmos sejam simplificados, esta etapa mesmo sendo a inicial, segue acontecendo até o processo de finalização. Já a segunda etapa é conhecida como apresentação, a qual é ancorada pelo processo de organização destes dados para que os mesmos possam ser apresentados de modo a promover uma análise (Gil, 2008). Por fim, a terceira etapa é conhecida como conclusão/verificação e consiste em, a partir de tudo que foi encontrado, realizar testes para que possa ser verificado a sua validade, sendo assim, os mesmos precisam ser revisitados a partir de uma nova análise (Gil, 2008).

Para discorrer sobre o assunto luto infantil e suas implicações, uma pesquisa exploratória foi desenvolvida, a mesma é considerada muito assertiva, pois se oportunizou ter uma visão geral acerca do assunto, através de uma busca bibliográfica que permite ao pesquisador se aproximar dos fatos explorados. Além do mais, o autor defende que este tipo de pesquisa é menos rígida, permitindo fluidez no ato exploratório (Gil, 2008).

Para finalizar, foi feito um processo de leitura interpretativa, a qual permitirá ao leitor expandir o seu alcance de resultados, pois a mesma viabiliza uma relação entre o que se pesquisa correlacionando-se com outros tipos de conteúdos e conhecimentos (Gil, 2008).

Fontes

Com o intuito de aproximar a análise entre o que é estudado na teoria com o que é visto no fenômeno vivencial em um processo de enlutamento, foi utilizado como artefato cultural, o filme *Ponette* (Sarde & Doillon, 1996).

O filme retrata a história de uma menina de quatro anos de idade, que perdeu a mãe após um acidente de carro. Depois do ocorrido, a jovem atravessa um processo de enlutamento, sendo difícil assimilar o fato de que sua mãe não voltará mais, até mesmo em função de sua idade, mas é amparada por sua tia e primos e também por seu pai. Além disso, o filme mostra que depois da morte de sua mãe, o pai de Ponette necessita viajar e ela fica, então, com sua tia e primos. Esta estadia é muito acolhedora, provendo assim um lugar seguro para que ela possa vivenciar o luto a sua forma, sendo permitida expressar as mais improváveis fantasias para recuperar a mãe, construindo a partir de então a compreensão da irreversibilidade da morte de sua mãe. A partir deste conteúdo, foi realizada uma análise de todos os fenômenos vistos ao longo do processo de luto infantil, relacionando-a com a teoria do apego, compreendendo principalmente como através de sua modelagem de apego, ela atravessa o processo de luto.

Instrumentos

Seleção de cenas do filme *Ponette* (Sarde & Doillon, 1996) foram feitas, visando uma melhor exemplificação do que já foi apresentado no referencial teórico. Estes dados foram exibidos através de uma tabela, sendo ela uma boa forma para agrupá-los, visando uma melhor organização (Laville & Dionne, 1999).

Tabelas são utilizadas para apresentarem tanto dados quantitativos quanto qualitativos, podendo assim ser apresentados de forma clara e esclarecedora para o leitor (Koller, Couto & Von Hohendorff, 2014).

Procedimentos

A construção de um trabalho como este, de conclusão de curso, se iniciou com a escolha de um tema ao qual houve um debruçar-se através de pesquisas bibliográficas, que contemplam desde a leitura de livros de acervo pessoal, bem como livros que foram retirados na biblioteca da Universidade de Caxias do Sul, relacionados à teoria do apego, luto infantil e processos de resiliência familiar. Além do mais, para abarcar conhecimentos contemporâneos acerca do tema, artigos científicos foram escolhidos para fazer parte do trabalho, sendo estes pesquisados nas bases de dados do Portal de Periódico CAPES, do Portal de Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC) e do *Scientific Electronic Library Online* (SciELO). Os

descritores utilizados para realizar as pesquisas foram: “teoria do apego”, “luto infantil”, “modelos vinculativos”, “fatores facilitadores no processo de enlutamento.”

Com o intuito de elucidar os conceitos abordados na teoria, trazendo para um campo mais prático, o filme *Ponette* (Sarde & Doillon, 1996) foi visto e revisto muitas vezes, posteriormente foram feitos recortes das cenas, compilando-as em categorias que foram construídas para que pudesse ser promovida uma discussão acerca do conteúdo recortado, entrelaçando com a teoria.

Referencial de Análise

Na construção de um referencial de análise, fez-se uma análise do conteúdo e para que possa ser desenvolvida não existiu nenhuma receita pronta, sem que haja uma determinação do modo a acontecer, sendo importante que seja feita de maneira sucinta, trazendo apenas o essencial. Além disso, o pesquisador deve tomar cuidado na forma em que ela é recortada, agrupada e apresentada, pois isso qualifica a sua análise e conclusão (Laville & Dionne, 1999).

Foi ainda utilizada a estratégia de emparelhamento, fundamental para realizar a aproximação do conteúdo teórico já construído, com as cenas selecionadas do filme *Ponette* (Sarde & Doillon, 1996) e com a construção de categorias que foi realizada *a posteriori*, observando se aquilo que foi estudado condiz ou tem relação com o que foi visto, através das comparações que foram feitas. Por isso é fundamental a estruturação e organização do conteúdo apresentado, como já mencionado acima (Laville & Dionne, 1999).

RESULTADOS

Obtendo como base o referencial teórico e a fim de responder ao problema de pesquisa, o filme *Ponette* (Sarde & Doillon, 1996) foi utilizado como fonte. O filme foi assistido muitas vezes para que pudesse ser feito o recorte das cenas e o agrupamento de categorias. As cenas são agrupadas em quatro categorias, onde há a organização das categorias de análise, viabilizando a realização de uma discussão interpretativa. As categorias estão apresentadas em suas respectivas tabelas: Categoria 1 – A Notícia da Perda (Tabela 1); Categoria 2 – Os Cuidados Posteriores à Morte (Tabela 2); Categoria 3 – Construção da Concepção de Irreversibilidade da Morte (Tabela 3); Categoria 4 – Vinculação com a Figura Materna (Tabela 4).

Tabela 1

Categoria 1 – A Notícia da Perda

Identificação da Cena	Descrição da Cena
Cena 1	Pai conta à Ponette que depois do acidente de carro sofrido, a mãe não se encontra bem e poderá morrer. Esta notícia é contada apenas pelo pai, em um momento em que estão sozinhos no hospital.
Cena 2	Pai conta à Ponette que a mãe havia morrido e diz a ela “eu também sempre pensei que ela ficaria conosco para sempre”, compartilhando sua angústia e tristeza com a filha. A menina que está sentada no capô do carro chora muito e abraça o pai.
Cena 3	Nesta cena, o pai explica para a filha que a mãe estava muito debilitada em razão do acidente de carro ter sido muito forte e que nada poderia ser feito para salvar a vida de sua mãe. Depois disso ambos se consolam.
Cena 4	Pai e filha seguem de carro e param em um ponto da estrada. Ambos descem e seguem caminhando pela estrada. O pai da menina pega a filha no colo e pede a Ponette que faça um juramento a ele, de que ela

jamais irá morrer e que para isso ela precisaria cuspir no chão após o juramento.

Cena 5 Após ter recebido a notícia do falecimento da mãe, Ponette em lágrimas, cospe no chão, como um ato de promessa para que ele nunca morra e ele então olha para ela e cospe em sua mão e a abraça. Um ato em sentido de proteção.

Tabela 2

Categoria 2 – Os Cuidados Posteriores à Morte

Identificação da Cena	Descrição da Cena
Cena 6	A jovem é levada por seu pai até o velório da mãe, encontrando-se com seus primos e sua tia. Ao longo do velório pode ser percebido, Ponette interagindo com seus primos, correndo com eles, conversando e sendo acolhida principalmente por seu primo, que a abraça e dá um beijo.
Cena 7	Pai conta à menina que vai precisar viajar (até Lyon) e previsibiliza o tempo de retorno para a filha, diz que ligará todos os dias e diz que ela ficará na casa de sua tia, com os seus primos. Para deixá-la segura, entrega a ela o seu relógio e diz para ela: “Quando você sentir medo, ouça o tic-tac do relógio e estará ouvindo a batida do meu coração”. Depois disso, Ponette entrega o seu urso para ele e diz “O Urso vai te proteger”. Ponette então vai para a casa de sua tia.
Cena 8	Ponette conversa com a tia sobre a mãe não ter vindo naquela noite, conta que deseja que ela venha todas as noites. A menina é acolhida com muito afeto pela tia, que conta uma história de Jesus para ela.
Cena 9	Ponette é convidada por seus primos para brincar, porém nega e diz que está esperando pelo retorno de sua mãe. Seus primos frustrados com isso entram em casa e contam para sua mãe que Ponette “nunca quer brincar”, a tia de Ponette diz aos filhos “deixem ela, logo ela para”.

Tabela 3

Categoria 3 – Construção da Concepção de Irreversibilidade da Morte

Identificação da Cena	Descrição da Cena
Cena 10	Vai para fora da casa da tia para esperar o retorno da mãe. Fica por um tempo aguardando e a sua mãe não retorna, assim sendo, vai para mais distante ainda e diz “aqui está muito perto, precisa ir mais longe”. Aguarda ainda mais e nada do retorno, então ela tenta falar uma frase “Talitakum” ensinada pelos seus primos, como se fosse uma frase mágica para o retorno de pessoas mortas. Fala por várias vezes a frase e nada da mãe aparecer, então começa a chorar.
Cena 11	Ponette em seu quarto reconhece que a mãe não vive mais na terra, mas sim no céu e que está com Deus.
Cena 12	Em uma conversa com Deus, na sala de Deus ela diz “Você sabe que minha mãe está morta, porque está aí com você?”. Mas pede para Deus que então permita ela conversar com sua mãe, diz “Tentei conversar com ela e não pude, ela nunca me respondeu, peça para ela que fale comigo”.

Tabela 4

Categoria 4 – Vinculação com a Figura Materna

Identificação da Cena	Descrição da Cena
Cena 13	Ponette vai até o cemitério, no túmulo de sua mãe, chora muito e neste momento tem uma fantasia reparatória com a mãe, como se voltasse para conversar com ela. Nesta fantasia, ambas se abraçam e se acariciam. Nesta conversa a mãe acolhe o sofrimento da menina e diz para ela que então agora, ela precisa retornar a vida normal dela e precisa saber que a mãe não retornará mais, pois morreu e ela sabe disso. Diz para que a filha volte e seja feliz, diz para a filha “pule e colha uma lembrança boa de mim”.

DISCUSSÃO

Neste tópico do trabalho, desenvolver-se-á uma discussão acerca do processo de luto da personagem Ponette, integrando aqui, os aspectos teóricos apresentados com as cenas selecionadas. A partir disso, será construída uma compreensão acerca de como a criança poderá vivenciar a perda, dentro de si, a partir de sua ótica. Uma possível compreensão desta temática será feita através da discussão das quatro categorias construídas *a posteriori*.

Categoria 1 – A Notícia da Perda

Nesta primeira categoria, cinco cenas foram selecionadas para que pudesse se pensar acerca do momento da notícia que é dada pelo pai de Ponette, a jovem menina de quatro anos de idade, sobre o falecimento de sua mãe. Neste momento, é de fundamental importância, que a criança tenha acesso a um campo comunicacional transparente, seguro e confiável, pois por mais que seja uma notícia difícil e triste de ser ouvida, ela vem do terreno do real. O adulto pode sentir dificuldade de contar para a criança acerca da morte do seu ente querido, omitindo por vezes informações em função disso, não se dando conta que deixa a criança à margem de desesperança, sentindo que não tem mais a quem possa recorrer, quebrando os laços de confiança com as figuras de apego que permaneceram (Aberastury, 1992).

Na Cena 1, o pai de Ponette, em um momento sozinho com a filha no hospital, conta a ela que, em decorrência do acidente de carro sofrido, sua mãe está em um estado crítico no hospital e que em função disso, não se sabe se ela sobreviverá. É importante ressaltar que o pai, nesta cena, prepara a criança para a possível perda e esta previsibilização que o pai faz, é defendida por Parkes (1998), como algo organizador, pois quando a morte acontecer, não será mais algo repentino, o que poderá lhe auxiliar no processo de luto posterior.

Na Cena 2, o pai, após ter recebido a informação de que sua esposa não havia resistido, conta para filha que a mãe havia falecido, compartilhando com ela o seu pesar, dizendo que sempre pensou que ela permaneceria com eles para sempre. Isso pode remeter a pensar que o cuidador da criança precisa passar informações transparentes a ela, contando sobre a morte e abrindo espaço para perguntas, caso a criança tenha e a partir das informações que lhes serão passadas, ela, através de seus recursos, construirá uma concepção subjetiva acerca da morte (Franco & Mazorra, 2007). Na presente cena pode-se perceber que a notícia é contada por alguém que é, para Ponette, uma figura de confiança e que em meio a este momento triste, é

alguém que lhe transmite segurança. Esse aspecto da confiança de quem fornece informação pode promover um espaço de maior segurança para que os enlutados possam expressar as suas emoções (Bowlby, 1997). Ponette, depois que o pai conta, chora muito.

Na Cena 3, o pai já havia contado sobre a morte da mãe de Ponette, sendo assim, vai dando a ela mais informações do processo de cuidado com a mãe, contando que ela estava realmente muito debilitada e que pouco poderia ser feito para evitar a morte, auxiliando a jovem filha a compreender tudo que havia ocorrido com a mãe, até o momento de sua partida. A partir das informações que a criança recebe dos seus cuidadores, ela vai criando em si, a sua própria concepção acerca da morte (Sengik & Ramos, 2013). Isso pode ser compreendido como um fator protetivo, pois o pai por compreender que a filha é muito jovem, adequa a linguagem para esta comunicação, o que faz com que a filha compreenda facilmente que sua mãe havia morrido.

Na Cena 4, o pai da menina já sabia que a sua esposa tinha falecido, mas ainda não havia contado para a filha e neste momento, pode se perceber que ele tem o seu mundo presumido abalado, com isso a insegurança poderá aparecer, o que faz com que busque recursos no externo para trazer o mínimo de segurança de volta. O recurso que ele encontra é pedir para a filha fazer um juramento de que ela nunca morrerá e depois de ela jurar, precisava cuspir, a filha assim faz. Já Ponette, na Cena 5, depois que o pai comunica a morte da mãe, faz o mesmo que ele, cospe no chão para que ele não morra. O pai percebendo o desespero da filha, aproxima-a dele e, então, cospe na mão da menina, em uma jura que promove segurança para ela, dizendo que jamais irá morrer. O conteúdo das cenas pode representar uma ilustração ao pensar que, a morte de um ente querido, traz consigo, muita insegurança e incerteza, levando embora, o mundo presumido do enlutado, tornando-o temeroso a novas perdas (Mazorra, 2005).

Ampliando ainda o conceito da quebra do mundo presumido, Sá, Werlang e Paranhos (2008) afirmam que a morte repentina pode ser considerada um evento potencializador na instauração de crise naquele que a vivencia, o que por consequência poderá gerar no enlutado oscilações em seu funcionamento, pois há ali uma ruptura do seu equilíbrio interno, podendo causar sentimentos de desorganização, tristeza, desesperança e oscilações de humor (Wainrib & Bloch, 2000, em Sá, Werlang & Paranhos, 2008). Isso é relatado, pois, o pai em outros momentos ao longo do filme, manifesta seus sentimentos de raiva pelo acontecido, uma vez é observado sendo mais rude com a menina, bem como demonstra sua insegurança frente à nova

realidade que chega. Tudo isso acontece logo em seguida da morte da mãe de Ponette, sua esposa, momento em que se supõe que o pai atravessa um processo de crise importante, em que é esperado que haja oscilações em seu funcionamento, bem como sintá-se amedrontado com a nova realidade, expressando seu pesar para a filha. Neste momento em que o pai se encontra na crise, pode-se pensar que ele por vezes não consegue atender todas as necessidades de segurança da filha, pois também está atravessado pelo seu próprio processo de enlutamento.

A partir do que foi exposto, pode-se observar que o pai de Ponette, no processo de comunicar à filha acerca do estado de saúde e da morte de sua mãe, esteve junto, em um momento íntimo, comunicando-a com cuidado, externalizando a sua dor para a filha e podendo acolher a dela, não deixando a criança à margem de abandonos emocionais, estando disponível para acolhê-la e aberto para possíveis perguntas, inclusive esclarecendo com ela o que acarretou a morte da mãe. Pode-se pensar que, esta comunicação pode ser facilitada, pois, no ato de perceber o estado de saúde de sua esposa, o pai torna a notícia posterior, não um evento repentino, mas sim algo que já pudesse vir acontecer, como havia previsibilizado para sua filha. A forma como o pai conduziu este processo pode ser pensado como um fator protetivo, mesmo que por vezes esteja atravessado com o seu próprio processo de luto, pois esteve sempre junto com a filha, fazendo questão de comunicar esta dura notícia a ela, da sua forma e com os seus recursos disponíveis naquele momento, auxiliando-a a passar pelo seu processo de luto de forma mais organizada, pois confia nas informações que recebe, estando segura com aquilo que lhe é comunicado, por mais doloroso que seja.

Categoria 2 – Os Cuidados Posteriores à Morte

Na Cena 6, a menina participa do ritual fúnebre de sua mãe, acompanhada por seu pai, tia e primos, sendo todos eles, suas importantes figuras de apego, não ficando à margem do desamparo, sendo permitido despedir-se, pela última vez, de sua querida mãe. No ritual fúnebre os primos conversam com ela acerca do que estavam sentindo naquele dia, dizendo a Ponette que a sua mãe estaria bem no céu, confortável com o mesmo travesseiro que estava sendo velada no caixão. Pode-se pensar que, os primos aparentam serem figuras de apego segura e confiável para ela, que a auxiliam neste dia, amparando-a de forma afetiva. O ritual fúnebre é um momento fundamental para o enlutado, pois é a oportunidade para poder despedir-se do seu amado ente querido, tendo a oportunidade de dar um tchau doloroso, mas

organizador. Nele, é importante que a criança seja acompanhada o tempo todo por alguém de sua confiança, pois tornará este momento tão duro e triste, mais seguro para ela (Bowlby, 2004).

Na Cena 7, após o velório de sua mãe, o pai de Ponette lhe informa que necessitará fazer uma viagem a trabalho, mas que ela ficará segura na casa de sua tia. A menina compreende a ida do pai, protesta por um curto período de tempo e o pai lhe entrega o seu relógio, dizendo a ela que sempre que sentir medo, ela deve ouvir o tique-taque do relógio que será o barulho do coração do pai. Ponette, então, lhe entrega o urso, pois segundo a menina, ele irá proteger o pai. Esse ato de troca de objetos pode remeter a pensar que é feito como uma possibilidade de tornar esse período de distância mais seguro, mostrando um ao outro que mesmo longe, estão juntos e ligados. A base segura pressupõe que as crianças consigam suportar os distanciamentos de forma organizada, sem sofrer muito por isso, pois tem em si, internalizado, a confiança no retorno de sua figura de apego e quando necessário, poderá alcançá-los (Bowlby, 1989).

Após a morte da mãe de Ponette, os compromissos de trabalho do pai se mantiveram, com isso, ao precisar viajar a trabalho, preocupa-se com uma estadia segura para a filha, acionando uma tia de sua confiança, por compreender que seria um lugar onde a filha sentir-se-ia bem. Além do mais, o tique-taque do relógio do pai, traz para a filha maior segurança, que por vezes foi observada deitada em sua cama, com o relógio no ouvido, ouvindo o tique-taque, acalmando-se. Simpson e Rholes (em Parkes, 2009) afirmam que, baseado nos resultados do teste TSE de Mary Ainsworth, constatou-se que, as crianças caracterizadas com apego seguro, tinham pais mais calorosos frente à necessidade de seus filhos, ofertando-lhes segurança e permitindo que no ato de explorar o ambiente, sozinhos, estivessem se sentindo seguros para isso.

Na Cena 8, Ponette conta para a tia que a mãe não tinha vindo visitá-la à noite e que ela desejava que viesse sempre. A menina ao sentir-se frustrada e triste pelo não retorno da mãe nos seus sonhos, procura a tia em seu momento de protesto e tristeza. A tia acolhe a sua dor, lhe acaricia e conta uma história para a sobrinha, que se aconchega em seu colo. Crianças dentro de um modelo operativo interno de apego seguro tem a confiança de que se necessário for, podem contar com ajuda do outro, tendo segurança de que se externalizar a sua dor, o outro acolherá, otimizando assim, todos os recursos recebidos. A base segura constrói fatores resilientes, auxiliando a criança a passar pelo luto de forma mais segura e organizada (Bowlby,

1989). Além do mais, para que o processo de luto evolua, estes sentimentos da criança precisam ser manifestados em um ambiente acolhedor (Bowlby, 1997).

Já na Cena 9, os primos de Ponette contam para a tia da jovem, que a única brincadeira que a agrada é a de esperar pelo retorno da mãe, o que os deixa frustrado. Em ambas as cenas, pode-se identificar que a tia assimila que a morte trouxe dor para a sobrinha e que esta dor é natural, que repreendê-la não lhe ajudará, sendo assim, ela acolhe sua dor, entendendo que ela está usando os seus recursos disponíveis para enfrentar este processo e que inclusive, por vezes, poderia desejar estar mais sozinha neste momento e assim a tia a permite. A criança enfrenta este momento através de sua ótica e com seus recursos, que ainda são muito imaturos, construindo crenças e possibilidades muito improváveis para conseguir recuperar o ente querido. O adulto neste ponto, compreendendo a dor através da ótica da criança, poderá ligar-se emocionalmente ainda mais com ela. Se tornar um representante da realidade neste momento, o afastarão (Bowlby, 1997).

Pode-se pensar, a partir destes comportamentos, que a tia, com seu zelo e compreensão, autoriza a jovem sobrinha viver o processo de luto de sua mãe, do seu modo, com seus recursos, estando disponível sempre que Ponette recorre a ela, conversando com a menina, contando histórias, auxiliando ela a enfrentar essa terrível dor que a assolava. Pode-se perceber aqui, que a decisão do pai de escolher esta tia para ficar com a filha, enquanto precisa arcar com seus compromissos, foi uma decisão assertiva, que vem do terreno do cuidado, pois esse olhar e atenção que Ponette recebe, pode-se considerar como sendo fatores protetivos para um luto mais saudável, e organizado.

Categoria 3 – Construção da Concepção de Irreversibilidade da Morte

Pode-se supor que, a construção da irreversibilidade da morte em Ponette, se inicia desde o momento do comunicar a notícia do falecimento de sua mãe, amplamente discutida na Categoria 1. Como já dito anteriormente, a comunicação da morte da mãe de Ponette, foi cuidadosamente conduzida por seu pai, sendo muito claro, dizendo a ela que sua mãe morreu e que a partir de agora, eles teriam um ao outro. Antes dos seis anos de idade, é comprovado que as crianças compreendem a morte como algo reversível, necessitando-se ter uma comunicação muito clara, trazendo exemplos palpáveis para auxiliar a criança a construir a compreensão, a partir de seus recursos, conforme Gauders (em Anton & Favero, 2011). Dizer para a criança que o ente querido foi viajar ou está dormindo, criará nela uma esperança de retorno, que a

deixará muito confusa e também frustrada, podendo interferir no seu processo de luto (Aberastury, 1992). Pode-se notar que o pai da menina, em nenhum momento diz algo para a filha que lhe remeta a esperança de um retorno de sua mãe, ele é muito claro em sua comunicação de que ela não retornará mais.

Além disso, esta categoria é construída através de três cenas, as quais foram pensadas para retratar o processo de construção da irreversibilidade da morte. Na Cena 10, é possível observar Ponette procurando muito por sua mãe, inicialmente sentada perto da casa de sua tia, depois, ao perceber que a mãe não retorna, troca o local da espera, indo para mais distante da casa, com a esperança de encontrá-la. Este não retorno da mãe a desespera, pois nada do que é feito a faz retornar.

Este comportamento pode ser pensado de duas maneiras, podendo estas, estarem interligadas. A primeira, como defendem Bromberg e Torres (em Mazorra & Tinoco, 2005), aos quatro anos de idade é esperado que a criança compreenda a morte como um acontecimento reversível, por isso ela pode muitas vezes ser observada procurando pelo seu ente querido. Além do mais, pode-se considerar que, ao procurar pela mãe, Ponette esteja vivenciando a segunda fase do processo de luto, desenvolvida por Bowlby (em Anton & Favero, 2011) nomeada anseio. Nesta fase, também é comum perceber o enlutado ansiando por um retorno de seu amado que partiu. Muitas vezes, no filme, a personagem pode ser identificada procurando por sua mãe e também brincando de esperar, pois em sua concepção, se ela procurasse, poderia encontrar sua mãe. Se a esperasse, ela retornaria. Para não tornar os recortes repetitivos, apenas esta cena foi selecionada.

Na Cena 11 e 12, após muito esperar pelo retorno da mãe e procurá-la veementemente, Ponette começa a reconhecer que, então, ela não retornará mais e que ela não vive mais na terra, mas sim no céu, com Deus. Ao passar por um processo de luto antes dos seis anos de idade, a criança constrói antes do tempo esperado a concepção de irreversibilidade da morte, de acordo com Bromberg e Torres (em Mazorra & Tinoco, 2005). Desta forma, pode-se perceber que, Ponette, aos quatro anos de idade, como já é esperado, mostra-nos compreender inicialmente que, a morte para ela, era como o fenômeno de dormir e acordar, em que sua mãe depois de um tempo retornaria a vida, por isso ela era vista procurando-a muito e aguardando pelo seu retorno, através da brincadeira do esperar. Por fazer isso muitas vezes, sendo frustrada pelo princípio da realidade, aparenta ir construindo cada vez mais a concepção de irreversibilidade da morte, pois nada do que é feito por ela, torna possível o retorno de sua

amada mãe. Assim, pode-se pensar que, aos poucos, a menina vai internalizando que este retorno não acontecerá e que, então, precisará lidar com a dor de sua ausência.

Categoria 4 – Vinculação com a Figura Materna

Nesta categoria, apenas uma cena foi selecionada, pois é a única que apresenta interação de Ponette com a mãe. Na Cena 13, depois de Ponette chorar muito junto ao túmulo da mãe, a menina tem uma fantasia de reparação em sua mente do retorno de sua mãe. A fantasia de reparação é a busca do objeto perdido internamente (Mazorra, 2005). Nesta fantasia, mãe e filha se abraçam, se acariciam e a mãe vai dizendo para a filha que o motivo do retorno acontece pois ela deseja que a filha siga a vida, não mais se preocupando com a mãe, que agora ela não estava mais neste plano e que a filha precisava seguir em frente, feliz e guardando boas recordações dela. Nesta fantasia de reparação, o que Ponette tem com a mãe, pode ser caracterizado como representando algo envolto de uma relação ancorada em uma base segura, pois a mãe aparece em um momento no qual a menina está enfrentando um momento triste de sua vida e a fantasia mostra uma mãe que vem para acolher, aconchegar e autorizar a filha voltar a investir na vida.

Esta cena pode propiciar que se pense que Ponette tem um registro de uma mãe muito acolhedora, zelosa, carinhosa e alguém que provê segurança para ela. Mary Ainsworth, após analisar os resultados do teste TSE, constatou que, as crianças caracterizadas com o modelo de apego seguro, possuem pais acolhedores, que conseguem entender e atender as necessidades da criança de forma a promover segurança, estabilidade e amparo, como afirmam Simpson e Rholes (em Parkes, 2009).

A interação entre mãe e filha parece mostrar uma boa qualidade vincular, sendo este mais um fator protetivo para o processo de luto da menina. Quanto melhor foi a qualidade na vinculação entre o ente querido e o enlutado, mais saudável e organizado será o processo de luto, pois há registros de confiança nesta relação (Bowlby, 2004). Ponette no retorno fantasioso de sua mãe profere imediatamente, muito carinho a ela também, com calorosos abraços. A criança caracterizada com o modelo de apego seguro, conforme Simpson e Rholes (em Parkes, 2009), no retorno da mãe, é aconchegada e já consegue demonstrar afeto a sua figura materna.

Outro fator protetivo que garante a passagem pelo processo de luto para uma criança, é manter a presença e a lembrança do ente querido dentro de si, depois de sua partida, muitas

vezes sendo auxiliada pelos cuidadores responsáveis, fazendo com que a criança vá introjetando e construindo esta imagem e presença em si. É este importante processo que faz com que ela possa se abrir para novas relações, segundo Kovács (em Sergik & Ramos, 2013). A mãe, nesta fantasia de reparação que Ponette tem, parece ter um lugar especial na memória da jovem menina, sendo lembrada com muito amor, podendo-se considerar que ela tem elementos para que consiga enfrentar um processo de luto de forma segura e saudável.

De acordo com o conteúdo trazido ao longo destas quatro categorias, pode-se considerar inicialmente que, Ponette através da interação que têm com a sua mãe nesta fantasia de reparação que foi apresentada e com o pai ao longo do filme, pode ser caracterizada dentro de um modelo de apego seguro, pois tem internalizado em si uma imagem de confiança e segurança dos pais, suporta bem as separações e conseguiu, até este momento, passar pela experiência de luto, de uma forma organizada e saudável. Além disso, pode-se perceber o quão importante é, o papel do adulto no processo de luto infantil, pois pode-se identificar que a consistência dos cuidados do pai e da tia de Ponette, se tornaram um fator protetivo para o bom andamento deste processo dentro da menina, bem como, a qualidade do cuidado recebido na infância, podendo-se pensar que houve uma construção de resiliência interna, típica do modelo de apego seguro.

Bowlby (1989) cita que experiências emocionais intensas vivenciadas podem vir, como, por exemplo, uma morte, a serem experiências emocionais corretivas, podendo alterar o padrão de apego estabelecido, tanto de seguro para inseguro quanto o contrário também é verdadeiro. Porém, no caso de Ponette, caracterizada dentro de um modelo de apego seguro, recebe de suas figuras de apego, uma consistência de cuidados ao longo de todo o processo de luto, que poderá ser pensado que, foi isso que tornou possível o modelo de apego permanecer sendo seguro, não havendo alterações. A partir dessas considerações pode-se prospectar que ela apresenta condições de estabelecer também, relações seguras em suas vinculações, pois como cita Bretherton e Munholland (em Dalbem & Dell’Aglia, 2005), o padrão vincular estabelecido, tende a ser replicado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve por objetivo compreender as possíveis repercussões da perda materna na segunda infância e as possíveis interferências na construção de novos vínculos desta criança. A partir de então, considerou-se importante abordar sobre como ocorre a construção vincular da criança com suas figuras de apego, através da teoria do apego de John Bowlby, bem como abordar o tema luto infantil. Os principais autores utilizados para a construção desta temática foram, John Bowlby, Colin Parkes, Arminda Aberastury, além de outros autores alcançados através da seleção dos artigos e livros relacionados ao tema de pesquisa.

A partir deste estudo, compreende-se que se tornou possível ampliar os conhecimentos acerca do luto infantil, entendendo alguns fatores que podem tornar esta experiência mais complicada, bem como fatores que protegem o enlutado de atravessar este processo de forma mais organizada e saudável. Foi possível entender, ainda, como a construção vincular da criança com suas figuras de apego é um fenômeno muito subjetivo e como este processo de cuidado repercute na própria construção vincular da criança consigo e com o mundo externo.

O enriquecimento do conteúdo acontece, também, pela escolha do artefato cultural, o filme *Ponette* (Sarde & Doillon, 1996), com o objetivo de ilustrar o que foi construído para alcançar a finalidade de uma aplicação prática dos conceitos. O filme viabilizou a construção de uma discussão acerca dos fenômenos estudados, com o conteúdo explorado do filme. A partir da seleção de cenas e construção das categorias, notou-se como o processo de luto foi vivenciado pela jovem de quatro anos, Ponette. Pode-se perceber o quão importante são os cuidados das figuras de apego sobreviventes com a criança enlutada e o quanto isso a auxilia na passagem pelo seu processo de luto. Compreendeu-se que, a consistência dos cuidados com a criança no pós-morte, é um fator protetivo para a manutenção do modelo de apego seguro e pode ser um fator que promove a evolução do modelo de apego da criança, no caso de ele ser inseguro ambivalente, evitativo ou desorganizado.

Por fim, compreende-se como de fundamental importância, a continuidade de estudos acerca do luto infantil, pela importância desta temática e pela importância que ele tem no desenvolvimento da vida das crianças que passam por este duro processo.

Para mim este momento está sendo especial, pois posso aprofundar-me ainda mais nos estudos acerca de uma temática tão delicada e importante, buscando compreender mais e dentro do que me é possível, auxiliar na compreensão de outros profissionais também.

REFERÊNCIAS

- Aberastury, A. (1992). *Psicanálise da criança: teoria e técnica* (8ª ed.; A. L. L de Campos, Trad.). Porto Alegre, RS: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1982)
- Anton, M. C. & Favero, E. (2011). Morte repentina de genitores e luto infantil: uma revisão da literatura em periódicos científicos brasileiros. *Interação em Psicologia*, 15(1), 101-110. DOI: 10.5380/psi.v15i1.16992
- Bowlby, J. (1989). *Uma base segura: aplicações clínicas da teoria do apego* (S. M. Barros, Trad.). Porto Alegre, RS: Artes Médicas.
- Bowlby, J. (1997). *Formação e rompimento dos laços afetivos* (3ª ed.; A. Cabral, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1979)
- Bowlby, J. (2004). Perda: tristeza e depressão (W. Dutra, Trad.). In J. Bowlby, *Apego e perda* (Vol. 3). São Paulo: Martins Fontes.
- Dalbem, J. X., & Dell'Aglio, D. D. (2005). Teoria do apego: bases conceituais e desenvolvimento dos modelos internos de funcionamento. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 57(1), 12-24.
- Franco, M. H. P., & Mazorra, L. (2007). Criança e luto: vivência fantasmática diante da morte do genitor. *Estudos de Psicologia*, 24(4), 503-511. DOI: 10.1590/S0103-166X2007000400009
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (6ª ed.). São Paulo: Atlas. (Trabalho original publicado em 1988)
- Godoy, A. S. (1995). Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. *Revista de Administração de Empresas*, 35(3), 20-29.
- Hahn, R. A. (2005). A morte do pai na infância: repercussões na vida adulta. In L. Mazorra & V. Tinoco (Orgs.), *Luto na infância: intervenções psicológicas em diferentes contextos*. Campinas, SP: Editora Livro Pleno.
- Koller, S. H., Couto, M. C. P. P., & Hohendorff, J. V. (Orgs.). (2014). *Manual de produção científica*. Porto Alegre, RS: Penso Editora Ltda.
- Laville, C., & Dionne, J. (1999). *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas* (H. Monteiro & F. Settineri, Trans.). Porto Alegre, RS: Artmed.
- Marçal, K. B. F. (2015). *Relatório de prática clínica luto na infância e juventude: características e implicações para o desenvolvimento saudável*. Dissertação de mestrado

- não-publicada, Escola Superior Dr. Lopes Dias, Instituto Politécnico de Castelo Branco. Castelo Branco, Portugal.
- Mazorra, L. (2005). A fantasia e o processo de elaboração do luto. In L. Mazorra & V. Tinoco (Orgs.), *Luto na infância: intervenções psicológicas em diferentes contextos*. Campinas, SP: Editora Livro Pleno.
- Mazorra, L. (2005). O Luto na infância. In L. Mazorra & V. Tinoco (Orgs.), *Luto na infância: intervenções psicológicas em diferentes contextos*. Campinas, SP: Editora Livro Pleno.
- Mazorra, L., & Tinoco, V. (2005). *Luto na infância: intervenções psicológicas em diferentes contextos*. Campinas, SP: Editora Livro Pleno.
- Parkes, C. M. (1998). *Luto: estudos sobre a perda na vida adulta* (M. H. P. Franco, Trad.). Perdizes, SP: Summus Editorial.
- Parkes, C. M. (2009). *Amor e perda: as raízes do luto e suas complicações* (M. H. P. Franco, Trad.). Perdizes, SP: Summus Editorial.
- Pedro, A., Catarino, A., Ventura, D., Ferreira, F., & Salsinha, H. (2010). Vivência na morte da criança e luto na infância. *Psicologia.pt - O Portal dos Psicólogos*. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0226.pdf>
- Ramos, V. A. B. (2016). O processo de luto. *Psicologia.pt - O Portal dos Psicólogos*. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1021.pdf>
- Sá, S., D. Werlang, B. S. G. & Paranhos, M. E. (2008). Intervenção em crise. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 4(1).
- Sarde, A. (Produtor), & Doillon, J. (Diretor). (1996). *Ponette* [Filme]. França: BAC Films.
- Sengik, A. S., & Ramos, F. B. (2013). Concepção de morte na infância. *Psicologia & Sociedade*, 25(2), 379-387.